

Banqueiro inglês prevê mais empréstimos em 88

- 6 ABR 1987

por Tom Camargo
de Londres

A proverbial descrição do Banco da Inglaterra (Banco Central) foi mais uma vez comprovada, na sexta-feira, quando o diretor de sua área internacional, A. D. Loehnis, conseguiu falar por cerca de vinte minutos para uma platéia composta de cem homens de negócio britânicos e brasileiros sem tocar, em nenhum momento, nos problemas econômicos internos e externos que afetam o Brasil.

Mas de forma indireta, ao abordar os principais pontos de tensão que afetam as economias industrializadas, Loehnis, que está seguindo para os Estados Unidos para a reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI), mostrou que existe um receituário para a crise brasileira que o banco julga eficiente e prático.

"Alguns países em desenvolvimento precisam enfrentar reformas estruturais que propiciem um crescimento ordenado, sem inflação (...) precisam evitar, a todo custo, a adoção de medidas protecionistas (...) o investimento público, em setores prioritários, de preferência com a orientação do Banco Mundial, é um poderoso instrumento de crescimento (...) é fundamental que a poupança doméstica seja aumentada, ao mesmo tempo que se reduz as dimensões do déficit fiscal e se dá um tratamento realista à questão cambial, pois só assim se evitará a fuga de capitais", disse Loehnis.

Sua fala aconteceu num dos almoços trimestrais da Câmara de Comércio Brasileira no Reino Unido e

apoiou-se em dados do último relatório do FMI sobre a economia mundial para sustentar que o ano de 1988 poderá ser mais favorável para os países devedores do que os últimos dezoito meses. Ele disse esperar que se comprovem as previsões de que o preço real das matérias-primas exportadas pela maioria dos devedores (hoje em seu mais baixo ponto desde 1953) volte a subir no próximo ano e observou que os bancos particulares devem voltar a emprestar dinheiro novo, mas que os devedores devem também trabalhar para atrair investimentos diretos.

Disse ainda que são os ajustes estruturais entre os países ricos que constituem o principal problema econômico do momento e, em certa medida, será difícil para os endividados ajustarem-se se forem obrigados a se defrontar com as consequências dos desequilíbrios de seus parceiros industrializados.

Uma efetiva redução do déficit fiscal norte-americano e uma mais relaxada política fiscal dos japoneses e alemães, aliadas a uma efetiva abertura do mercado japonês, são passos considerados fundamentais para a criação de um ambiente favorável tanto para devedores quanto para credores.

ACUSAÇÃO/BAYER — Os advogados de defesa dos irmãos Bengdechea, gerentes da empresa espanhola que importou óleo de colza adulterado, responsabilizaram o laboratório químico Bayer pela "síndrome tóxica". Os advogados acusaram também a administração pública de ter desviado e falsificado provas de que a adulteração do óleo, que provocou 650 mortos e afetou mais de 25 mil pessoas, foi causada por uma mistura de pesticidas fabricados nos laboratórios da multinacional Alemanha Federal. A tese que responsabiliza a Bayer, com base em afirmações de que esta empresa misturava pesticidas com fertilizantes, é utilizada pela primeira vez na estratégia do chamado "juízo do século" iniciado na segunda-feira.

Noticiário fornecido pelas agências internacionais AP/Dow Jones, Reuters, UPI e pelos jornais Financial Times, de Londres, Advertising Age, de Chicago, The Wall Street Journal, The Journal of Commerce e Barron's, de Nova York, El Cronista Comercial e a revista Mercado de Buenos Aires. Matérias especiais via Varig e Aerolineas Argentinas.
